

Teresinha Queiroz: entre Clio e Atena

Teresinha Queiroz: Between Clio and Athena

Ricardo Arraes

Professor de História do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí.

Resumo: Neste artigo, objetiv0 apontar alguns aspectos de minha convivência com Terezinha Queiroz, discutindo sumariamente a sua obra historiográfica. Terezinha expandiu sua presença para além de sua terra natal – Esperantina – e alcançou o panteão de maior expressão nas várias frentes de trabalho no campo historiográfico piauiense. Pertencente à primeira geração de historiadores formados no contexto da UFPI, ela abriu as portas para o novo fazer historiográfico no Piauí com base em suas vivências e experiências em Curitiba e em São Paulo, e nos legou a possibilidade de interpretarmos as “coisas do Piauí”: novos enfoques, novos objetos e perspectivas.

Abstract: In this article, I aim to highlight aspects of my personal and professional relationship with Terezinha Queiroz while briefly discussing her historiographical body of work. Terezinha extended her influence beyond her hometown of Esperantina, achieving a position of great prominence across various areas of historiography in Piauí. As a member of the first generation of historians trained at UFPI, she paved the way for a new approach to historiography in the state—drawing on her experiences in Curitiba and São Paulo—and bequeathed to us the opportunity to interpret the “affairs of Piauí” through new lenses, subjects, and perspectives.

Neste artigo, objetiv0 apontar alguns aspectos de minha convivência com Teresinha Queiroz, discutindo sumariamente a sua obra historiográfica. Teresinha expandiu sua presença para além de sua terra natal – Esperantina – e alcançou o panteão de maior expressão nas várias frentes de trabalho no campo historiográfico piauiense. Pertencente à primeira geração de historiadores formados no contexto da UFPI, ela abriu as portas para o novo fazer historiográfico no Piauí com base em suas vivências e experiências em Curitiba e em São Paulo, e nos legou a possibilidade de interpretarmos as “coisas do Piauí”: novos enfoques, novos objetos e perspectivas.

Quando soube da proposta de elaboração de um dossiê sobre a professora Teresinha Queiroz fiquei tentado a escrever algumas notas sobre ela. Sabendo das mais diversas abordagens já sugeridas que tratavam sobre sua experiência no campo da pesquisa histórica, sobre seu domínio e profundidade teórica e metodológica e sua práxis pedagógica, sobre as margens de produção intelectual e sua autoridade no campo das letras, pensei então que talvez coubesse no referido dossiê, algumas palavras que fugissem desses temas já propostos por outros colegas. Estes, são indicativos da relevância de sua atuação docente e de sua produção intelectual, irmãs-gêmeas das quais ela nunca se desvincilhou desde sua graduação em História no final da década de 1970. Ainda assim, acredito que seja uma tarefa difícil face ao longo tempo de convivência e aos possíveis esquecimentos dos quais todos somos convidados quando tratamos de descrever uma personalidade da envergadura intelectual da professora Teresinha.

Conheci a professora Teresinha em 1986 cursando a disciplina História do Piauí. Eu, no meu segundo ano como acadêmico do curso de História e ela, como recém mestra. Tateando entre as obrigações de estudante e as de presidente temporão¹ do Centro Acadêmico de História (CAHIS), matriculei-me na disciplina daquela recém-chegada que despertava atenção dos estudantes, neófitos imaturos e ávidos pelas novidades.

Hoje Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz já é um nome consagrado como historiadora, pesquisadora e professora da UFPI. Seu nome reverbera não apenas nos limites de nossa “província”, posto que tem reconhecimento aqui na região e alhures. Reconhecida não apenas como uma das principais referências da historiografia piauiense, mas por seu esforço teórico que elabora no entendimento de nossas raízes e na construção da identidade histórica piauiense. Natural de Esperantina, foi longe dali que ela construiu uma trajetória acadêmica sólida e dedicada ao estudo da história, da cultura e da memória do Piauí.

Em meados na década de 1980, mais precisamente em 1985, quando entrei na UFPI, pelo antigo vestibular, o curso de História era recheado de personalidades com grande destaque na sociedade piauiense, entre as quais podemos citar as professoras Célis Portella, Alzirene Rios Negreiros, Maria Amélia de Freitas, Tanya Brandão, Ivone Cordeiro, Nerina Castello Branco etc. Entre os nomes masculinos destacavam-se Wall Ferraz, que revezava as funções docentes com as de prefeito de Teresina, Camilo da Silveira, que assumiu a reitoria da UFPI, Noé Mendes, Edson Gayoso Castello Branco, Sócrates Quintino, Carlos Said, Eurípedes Dourado entre outros.

Devo dizer que foi com a professora Teresinha ou Tetê que pela primeira vez que entrei em contato com uma professora doutora em História. A guisa de informação o curso mais

1. Essa referência aqui deve-se ao fato de que com três meses eu me tornei vice-presidente do Centro Acadêmico de História e poucos meses depois, fui alçado à presidência em virtude de que o então presidente Antônio Neto renunciou ao cargo, quando estávamos em São Luís do Maranhão participando da I Semana de História da UFMA.

antigo do CCHL, ainda dava seus primeiros passos rumo à sua edificação erguida a partir de profissionais com formação acadêmica em História. Até a década de 1980, nosso curso era composto por antigos quadros oriundos de formações nas áreas do Direito, Filosofia etc. Esses nomes concediam uma relativa credibilidade necessária para o funcionamento e o sucesso do curso. Os títulos universitários ainda não eram as credenciais de maior peso para que os cursos funcionassem na UFPI, em específico, o de História.

A formação acadêmica dos nossos professores esbarravam no mestrado, mas já estava em gestação aquilo que se chama de a “Segunda Geração de historiadores” do Piauí. De alguma forma, era a primeira geração acadêmica composta por gente formada em faculdades de História: Eurípedes, Mafalda, Tanya, Teresinha, Ivone, Edson, Fonseca, Alcides e oriúnda, em sua maioria dos bancos da UFPI.

O curso de História dividia com o de Geografia o então Departamento de Geografia e História (DGH). Ainda levaria muitos anos para que ocorresse a separação em dois departamentos. Na década de 1980, estes equipamentos não existiam e nem havia ainda a intenção de criá-los. O que seriam importantes espaços para a dinamização do tripé básico da função universitária que é a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. O próprio programa de pós-graduação de História só viria a ser criado em 2004 e o mesmo se pode dizer dos laboratórios e grupos de pesquisa que só se instalariam após o início das atividades do mestrado. Essa realidade, é claro, permitiu o desenvolvimento de maior reflexão crítica, bem como a troca de experiências dentro e fora dos muros da UFPI.

A professora Teresinha acompanhou de perto a criação e instalação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí (PPGHB) primeiramente, do mestrado e, tempos depois, do doutorado. Tais espaços têm favorecido sobremaneira a articulação entre teoria e prática, estimulando a participação de professores e graduandos dentro e fora do país.

Doutora em História em 1992, ela continua como professora do Departamento de História. Vale dizer que desde o final da década de 1970, Teresinha tem contribuído de maneira contínua para a formação de gerações de historiadores, pesquisadores e professores no estado. Naquele tempo, sua produção intelectual ainda não era tão abrangente, mas ela já dava seus primeiros passos de uma caminhada permeada por temas como historiografia piauiense e literatura. Esta última, por sinal, foi o assunto sobre o qual ela elaborou seu doutorado. Entretanto, seu interesse também repousa em temas como educação, imprensa, memória e, inclusive, história política.

Na metade dos anos 1980 ela já chamava atenção de seus pupilos na medida em que recém chegada do seu mestrado em Curitiba, Teresinha trazia na bagagem as novidades teórico-metodológicas que ainda teimavam em aportar nas terras de Mafrense. Ou seja, a renovação historiográfica com as novas matérias-primas, abordagens e objetos, elementos por excelência do novo fazer história, era apenas notícia que vinha da França desde os finais da década de 1930, mas ainda não chegara em definitivamente para animar para as margens do Parnaíba e Poti.

Com Teresinha soubemos que os documentos físicos, textuais e escritos (atas, certidões, relatórios, jornais etc.), não eram os únicos indícios e nem os mais essenciais para o estudo e a discussão das “coisas” do Piauí. Assim, todos e quaisquer artefato produzido pela ação humana poderia ser enquadrado nas categorias de fontes históricas e passíveis de estudo,

enfim, serviriam como documentação. Não sem razão, desde então as imagens em geral e a fotografia, em específico, tornaram-se para mim, fontes de primeira mão e as tenho utilizado em meus trabalhos escritos e em audiovisual.

Ela, sem dúvida, foi a grande força-motriz a partir da qual surgiu a Nova História do Piauí. Com ela, a narrativa piauiense deixava de lado a compreensão tradicional, positiva e eu marxista e passou a ser escrita e interpretada sob ou outras abordagens teórico-metodológicas produzidas no meio acadêmico. Ela é a cabeça da Primeira Geração formada nos bancos da UFPI, e a fundadora da Segunda Geração dos escritores historiadores piauienses. Ou seja, a UFPI “pariu” a “segunda geração” de historiadores, agora com diploma e formação na área. Ela não acabou com os historiadores-leigos, mas passou a produzir uma série benfeitora de historiadores profissionais que já desponta para sua quarta geração. Nesse meio, Teresinha Queirós foi para nós a porta-voz por excelência de todo o conhecimento já estava consolidado em Terceira Geração da Escola dos *Annales* e, conseqüentemente, aquela que trouxe para o Piauí as ferramentas para que escrevêssemos a história econômica, a história cultural e seus costumes e suas sensibilidades. Ela capitaneou esse movimento e, a partir de então, Teresina e o Piauí foram aos poucos desnudando-se para dezenas de historiadores que foram seus estudantes e aprendizes e hoje, seus colegas de trabalho.

Logo após seu retorno do doutorado, me recorro de alguns encontros quando nos reuníamos em torno dela para conhecermos o rol de, para nós, “novos historiadores”, novos temas e novas abordagens. Luvien Febvre e Marc Bloch, Fernad Braudel e Georges Duby, entre outros, me chegaram através daquelas rodas de conversas com Teresinha. O movimento historiográfico já cinquentenário na Europa e nos maiores centros do país, era uma novidade na década de 1990 e só aos poucos foi ganhando visibilidade em nossa UFPI. Um pouco familiarizado com os nomes, lembro-me que soubemos da morte de Braudel durante a realização da Primeira Semana de História da UFMA, em novembro de 1985. Enquanto a chamada Segunda Era do Movimento dos *Annales* ficava orfã de um de seus maiores expoentes, nós ainda tateávamos rumo aos primeiros momentos no entendimento, na compreensão e utilização dos métodos e das abordagens de matriz francesa.

Com Tetê aprendi sobre a necessidade da história das estruturas e do seu meio para tornar inteligível a história dos acontecimentos. Um dos pilares da obra-prima de Braudel, exposta no *Mediterrâneo*. Essa base braudeliana foi trazida e adaptada, ao modo dela e por ela, para interpretar alguns aspectos da realidade piauiense. Ou seja, como uma “a história conectada” a economia, a sociedade e as sociabilidades e a literatura, tornaram a nossa história a um tempo, conhecida e compreensível. Deve-se dizer que, tempos depois, a exigência formal de trabalhos acadêmicos de final de curso (TCCs) deu impulso e valiosa contribuição para que se aplicassem aquelas novas abordagens e conhecêssemos as nossas estruturas sociais, econômicas e políticas *por dentro* e vistas *de baixo*, aspectos até então não tocados pela historiografia tradicional.

Entre suas obras e contribuições à historiografia piauiense, Teresinha também organizou a nova edição da obra intitulada *História de Teresina*. Tudo isso rendeu a ela o Prêmio Mulher Destaque da Câmara Municipal de Teresina em 2026. Era o reconhecimento merecido pelo conjunto de sua trajetória acadêmica e à sua contribuição para a educação, a pesquisa histórica e a cultura piauiense. Teresinha Queiroz é sem dúvida o principal nome da historiogra-

fia do piauiense, e tem dedicado sua carreira ao ensino e à pesquisa histórica na Universidade Federal do Piauí.

Para situar a posição central de Teresinha Queiróz nos rumos que o campo historiográfico piauiense alcançou, cabe uma pequena digressão acerca do conjunto de historiadores que estudaram e descreveram a tardia “civilização piauiense”. Nesse rol encontramos os primeiros intérpretes, os historiadores leigos e ao par de mais de uma centena de anos, os historiadores profissionais, ou seja, aqueles formados pela recém-instalada Universidade Federal do Piauí².

Os primeiros pensadores e intérpretes do Piauí: os historiadores-leigos

Os primeiros historiadores do Piauí eram escritores, cronistas, ou padres. Era a época dos “historiadores leigos”, ou seja, aqueles que de uma maneira ou outra, escreviam sobre apanágios de nossa história. Os primeiros historiadores do Piauí apareceram durante o século XIX e o início do século XX. Eles eram basicamente intelectuais que, escrevendo suas crônicas e livros, terminavam por fazer o registro da formação histórica, política e social da província. Entre estes pioneiros podemos destacar Miguel Borges, considerado como o primeiro historiador piauiense. Entretanto, sua publicação de maior relevo é *Apontamentos Biográficos de Alguns Piauienses Ilustres*, que veio a ser uma das primeiras obras de caráter historiográfico produzidas no estado. Seu trabalho ajudou na construção de uma identidade histórica para o Piauí.

José Martins Pereira de Alencastre foi autor de um clássico, a importante obra *Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí* (1857). Esse livro me arrastou definitivamente para o deleite da história de nosso estado. O nome do livro me imantou decisiva e definitivamente para o quê eu me dedicaria desde então. O título trazia uma incógnita e um desafio: a palavra “corográfica” era-me desconhecida e, portanto, um desafio para que eu quisesse decifrá-la e, de alguma forma, domá-la.³ Com um título abrangente e uma escrita pungente, Alencastre produziu certamente a primeira síntese da história e da geografia sobre o território piauiense.

Clodoaldo Freitas, atuou no final do século XIX e início do XX. Foi um literato, político e professor de História, um dos responsáveis pela consolidação da produção histórica regional e pela valorização da memória piauiense. Teve grande influência no aporte e subsídios que Teresinha utilizou para estudar a cultura e a história piauiense. Anísio Brito, foi outro intelectual que desenvolveu estudos históricos sobre o estado. Ele participou ativamente dos debates historiográficos das primeiras décadas do século XX.

O também literato e colega de APL Abdias Neves, foi autor de obras clássicas sobre a participação do Piauí na Independência do Brasil, como *A Guerra de Fidié*. É considerado um dos grandes nomes da historiografia piauiense tradicional. Estes literatos escreveram sobre nossa história especialmente como testemunhas do que viam e experienciaram em seus tem-

2. A Universidade Federal do Piauí (UFPI) foi instituída oficialmente em novembro de 1968, mas só foi instalada em 1º de março de 1971. Ela surgiu da fusão de faculdades isoladas do estado, como a de Direito e a de Medicina, entre outras.

3. A palavra corografia vem do grego *khōros* (lugar) e *graphein* (descrever). O esforço metodológico de Alencastre era profundo e detalhista e ia para além da contemplação histórica. Usando esse ramo da geografia voltado à descrição ou ao mapeamento do relevo, vegetação, clima de lugares específicos, ele, a seu jeito, cobria objetos e enfoques muito antecedentemente afeitos e acolhidos por outras escolas históricas “da moda”. Enfim, ele estudou a história focando nas particularidades regionais. Alencastre uniu assim duas ciências irmãs para estudar a “história micro” e, ou “vista de baixo” dos sertões do Piauí.

pos e vivências. É, de algum modo, uma narrativa escrita na própria vivência de campo, para utilizar-me de uma expressão da antropologia. A história local escrita *a partir das e com as experiências* de vida nas disputas políticas e sociais vividas. A proximidade com o poder político permitiu que escrevessem uma história a um tempo como divulgação e como mecanismo de registro do que se passava no Piauí nas primeiras décadas do século XX.

Já na metade do século XX, a historiografia do estado ganhou novo e grande impulso na análise profunda de nossa realidade social, cultural e política. Considerada por alguns como uma “Segunda Geração” de grandes historiadores piauienses, estes renomados pesquisadores ainda não possuíam formação acadêmica em História. É desse ponto de vista, portanto, podemos incluí-los entre aqueles que ainda pertencem à “Primeira Geração” de historiadores do Piauí. Entre eles estão: Odilon Nunes um dos maiores historiadores do Piauí e autor da coleção *Pesquisas para a História do Piauí*. A obra é considerada como um divisor de águas na historiografia do estado. Com mais de 15 livros escritos sobre nossa história, ele foi também um dos mais longevos nos deixando após tem completado mais de 90 anos de idade.

Raimundo Nonato Monteiro de Santana, é outro integrante da “geração leiga” que renovou os estudos históricos do estado depois da segunda metade do século passado. Entretanto cabe dizer que ele possuía formação acadêmica tanto em Direito quanto em Sociologia. Entre seus inúmeros estudos sobre a realidade econômica e cultural do Piauí estão *A Evolução Histórica da Economia do Piauí*, de 1964 e *Perspectiva Histórica do Piauí*. Entretanto, vale dizer ainda que compondo esta primeira leva daqueles que lançaram as bases do fazer historiográfico piauiense, há os chamados “padres historiadores” que também tiveram grande destaque no Piauí.

Entre estes, os nomes mais importantes estão Miguel de Carvalho, um missionário que aqui viveu aqui no período colonial. Sua obra *Descrição do Sertão do Piauí* nos legou fontes históricas fundamentais para compreender a realidade piauiense dos séculos XVII e XVIII. Marcos de Araújo Costa, outro importante intelectual do século XIX que extrapolou sua atuação para além de sacerdote da longínqua província. Ele também deixou sua marca na vida política e educacional e seu legado para a historiografia piauiense é um registro valioso para a compreensão da história regional.

Cabe destaque especial para outros dois sacerdotes católicos contemporâneos: Monsenhor Joaquim Chaves, mais conhecido como **Monsenhor Chaves**, é outro que figura entre os maiores historiadores piauienses. Aliando sua atividade sacerdotal, Chaves foi professor, escritor e membro da Academia Piauiense de Letras. Sua obra monumental ajudou a consolidar os estudos sobre a história do Piauí. Entre seus livros mais conhecidos estão: *Subsídios para a História do Piauí*, *Como Nasceu Teresina* e *O Piauí nas Lutas da Independência*. Enfim, Monsenhor Chaves foi o autor de importantes estudos sobre Teresina, a Independência e a sociedade piauiense, produzindo de 1931 até o final da década de 1980.

E, *last but not least*, o padre Cláudio Melo, também aliou a função de sacerdote, sociólogo e historiador e dedicou grande parte de sua produção intelectual ao estudo da formação social e histórica do Piauí. Tive a oportunidade de ter o Pe. Cláudio como meu professor de Sociologia na UFPI em 1988. Seus trabalhos de maior destaque tratam sobre a presença jesuítica, a colonização e a sociedade piauiense. Entre todos eles, Monsenhor Chaves costuma ser apontado como o mais influente padre-historiador do Piauí, e, sem dúvidas, ao lado de historiadores leigos como Odilon Nunes, Chaves é o pilar mais sólido no edifício da já grandiosa

historiografia piauiense. Estes historiadores pioneiros, produziram fontes de extrema relevância para outras pesquisas que se seguiram tempos depois.

Estes historiadores da segunda metade do século passado de um modo marcam uma significativa alteração no *modus operandi* das pesquisas realizadas até então, ao privilegiar o enfoque no registro das classes até então desapercibidas pela historiografia feita até então e as questões sociais, da cultura e da pobreza piauiense passam a ganhar destaque. O legado dos pioneiros não foi relegado, nem caiu no esquecimento com o surgimento da geração de historiadores formados na UFPI e que fizeram mestrado e doutorado, e estimularam as outras gerações de historiadores também formados aqui e que aqui fizeram mestrados e doutorados. Todos eles, certamente, estimulados a seguir na longa empreitada pelos ensinamentos trazidos desde a década de 1980 por Teresinha.

Formação acadêmica, carreira e produção intelectual

A professora Teresinha Queiroz graduou-se em História pela Universidade Federal do Piauí em 1977. Na sua trajetória de estudos e conhecimento sobre nossa realidade, em 1983, ela também concluiu o bacharelado em Ciências Econômicas na mesma instituição. Posteriormente, obteve o título de mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (1985) e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1993).

Dois anos depois de sua graduação em História, ou seja, desde 1979, Teresinha já atuava como docente da UFPI, no Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Letras. Ao longo de mais de quatro décadas de magistério, lecionou disciplinas ligadas à teoria da história, metodologia da pesquisa, historiografia brasileira e historiografia piauiense, orientando trabalhos de graduação e pós-graduação. Dessa maneira, sua atuação contribuiu decisivamente para a consolidação dos estudos históricos no estado, formando pesquisadores, professores e intelectuais atuando em diversas instituições brasileiras.

A experiência acadêmica fora do Piauí foi determinante para ela e para a ampliação de seus horizontes profissionais. O contato com professores de referência e o ambiente percorridos por novos autores foram definitivos. Ao tratar da relação entre literatura e história, por exemplo, Teresinha utiliza e privilegia os “novos” documentos e promove o tipo de problematização para estudar e escrever a história do Piauí. Rompia-se assim a forma de problematização historiográfica tradicional para narrar e entendermos-nos como sujeitos sob a ótica da história cultura. Enfim, ela renovou as ferramentas e quebrou barreiras. As dimensões da história e tema vividos por aqui e que antes eram relegadas, foram acolhidas por ela na articulação de teorias e metodologias adotadas nas suas experiências acadêmicas anteriores em Curitiba e São Paulo.

A evolução acadêmica do mestrado para o doutorado permitiu-lhe uma virada nos caminhos e temas escolhidos por ela. Assim, Tetê foi buscar no “enquadramento social” que a literatura local, que, de alguma maneira, reverberava a brasileira, fornecia como subsídios para sua leitura também no campo historiográfico. Esse interesse é marcante pois aí, somos apresentados ao cerne da sociedade piauiense que àquela época, ansiava por civilidade, urbanização, diversão e novos costumes, educação e consumo de produtos que a modernidade colocava nas poucas prateleiras existentes no mercado teresinense. Teresinha adotou a literatura

ficcional ou não, como um dos seus campos de estudos prediletos, instrumento de excelência para a compreensão do passado piauiense.

Ao longo de sua extensa e profícua vida acadêmica, os seus estudos concentraram-se em várias áreas do conhecimento. Entre seus principais temas de pesquisa estão a literatura, sociabilidades urbanas, economia e imprensa. Não necessariamente, nesta ordem. Assim, acompanhávamos a professora Teresinha tornar-se autora de diversas obras que eram e ainda são de extrema importância para a leitura e compreensão da história do nosso estado, entre elas podemos citar *Economia Piauiense: da Pecuária ao Extrativismo*, *Os Literatos e a República*, *A Importância da Borracha e da Maniçoba na Economia do Piauí*, *História, Literatura, Sociabilidades e As Diversões Civilizadas em Teresina: 1880–1930*.

O material cotejado pela literatura e pela imprensa interessava à historiadora que devorava vorazmente os escritos de Clodoaldo Freitas, Abdias Neves e Higino Cunha, entre outros. Essa bagagem cultural produzida pela população ordinária ou de elite e interpretada pelos literatos e jornalistas, interessava-lhe e era matéria-prima para que percorresse os novos caminhos do fazer historiográfico adotado. São obras essenciais que também versam sobre os mais diversos aspectos da história, imprensa, memória e da educação piauiense. Mas Teresinha não preocupou-se apenas com sua produção autoral, o que permitiu-lhe realizar intenso trabalho na organização de outros livros e coletâneas de autores locais.

Uma vez que sua atuação ultrapassou os limites do ambiente universitário aliado ao profícuo fazer historiográfico, ambos assentados na escrita de vários livros, a obra produzida catapultou Teresinha Queiroz para a cadeira na Academia Piauiense de Letras (APL). Naquela instituição que reúne importantes nomes da cultura e da literatura do estado, ela ocupa a cadeira nº 23.

O legado de Teresinha Queiroz está indubitável e intimamente ligado à construção da moderna historiografia piauiense. Sua produção acadêmica permitiu a ampliação do conhecimento sobre a formação social, econômica e cultural do estado, enquanto sua atuação docente formou milhares de estudantes e pesquisadores. Por isso, ela é frequentemente reconhecida como uma das mais importantes historiadoras piauienses contemporâneas. Daí a dificuldade de expressar sobre a professora e agora colega. Enfim, são muitas características que chamam a atenção de quem conhece Teresinha. Elas são tanto de cunho pessoal como profissional. Portanto, atrevo-me a fazê-lo com base em uma convivência de mais de 40 anos de convívio. Aí estão alguns como estudante atento às suas arguições e a maioria, como colega de trabalho. Talvez ela não lembre, mas por um curto intervalo de tempo dividimos o mesmo espaço de trabalho. A sala 52 do CCHL nos reuniu com a professora Alzirene Rios Negreiros. Ali, na condição de colega, conheci o extremado senso de responsabilidade para com as suas tarefas como docente e pesquisadora e percebi sua empatia para comigo, acolhendo alguém iniciando na carreira docente universitária.

Descrever as características acadêmicas da professora Teresinha exige destacar seu comprometimento para com a pesquisa e atualização. Seu perfil se estrutura em várias categorias nas quais ela sempre focou na excelência profissional bem como no impacto didático e no engajamento em sala de aula. Dona de uma sólida formação acadêmica, Teresinha possui grande domínio e profundidade do conteúdo, na qual destacamos suas titulações com duas graduações (História e Economia), mestrado e doutorado (História) e as instituições onde construiu sua base acadêmica.

Cabe dizer que ela domina a essência das disciplinas que ministra na graduação e na pós, transmitindo grande autoridade, segurança e clareza ao abordar temas mais complexos. Com ela como mestra e como colega, aprendi que não é apenas repassar informações, mas manter preocupação no estímulo à visão e ao raciocínio crítico dos estudantes. As duas formações acadêmicas - História e economia - e as duas experiências em duas universidades diferentes, permitiu-lhe um ganho teórico e metodológico que ela utiliza abordagens modernas, aquilo envolvia-nos nas discussões e nos estudos e nos trabalhos práticos.

Devemos destacar também que vimos como estudantes e agora como colegas de Departamento, as suas habilidades quando tem de traduzir conceitos teóricos, às vezes de difícil explicação e muitas vezes pouco acessíveis e, ou incompreensíveis para nós quando éramos seus estudantes de graduação. Enfim, ela buscava nos ajudar demonstrando ali tanto sua performance didática como a clareza intelectual. Para isso, é claro, ela tinha o domínio correto no ajuste do ritmo e da metodologia de ensino, adequando às necessidades e ao perfil da turma.

Cabe salientar outrossim, que como orientadora, ela facilita o processo de aprendizagem e incentiva a autonomia dos alunos. Nesse aspecto, pude vê-la como uma fenomenal medida do conhecimento com o orgulho imodesto de quem sabe sua posição de necessidade e a importância no processo de aprendizagem que recebemos como alunos seus. Enfim, embora tivesse tempo escasso, Tetê demonstrava já lá atrás, uma grande disponibilidade e empatia no relacionamento conosco, aconselhando e tirando nossas dúvidas. Era dona de uma paciência e uma capacidade de criar um ambiente acolhedor e respeitoso entre nós. Esse senso de empatia e acolhimento estão expressos no estímulo à participação e exigência para que seus orientandos e estudantes de forma em geral, debatam, questionem e troquem ideias de forma livre e abertamente, seja na graduação, seja na pós graduação.

Teresinha possui uma longa experiência no campo da pesquisa histórica. Aqui sua contribuição para a área acadêmica e sua atuação como pesquisadora é bastante larga e, como se disse acima, abarca várias áreas do fazer e do saber acadêmico. Ela é uma gigante tendo já orientado e participado de 110 trabalhos de TCCs, de 156 bancas de dissertações de mestrado e de 33 bancas de doutorado dentro e fora do Piauí. Tetê pertencente ao que eu denomino de Segunda Geração de historiadores do Piauí. Mesmo que não tivesse nenhuma ideia do que estava pondo em movimento, coube a ela a missão para apresentar a abordagem dos *Annales* entre outras tantas abordagens, à minha geração de historiadores, aquela formada no ambiente ufpiano, a chamada Terceira Geração.

Para quem a conhece e sabe de sua imensa discrição e pouca afeição aos holofotes e badalações, entenderá que ela talvez nem aprecie ou mesmo concorde, com muitas das ideias que aqui foram expressas. Todas, aliás, frutos de minha forma de ver e descrever essa pessoa meiga, afável e tranquila com quem convivo profissionalmente há três décadas. Nunca vi Tetê com raiva ou levantar a voz para algum colega meu em sala de aula, ou colega professor nas muitas reuniões de Departamento que participamos, fosse na graduação ou na pós.

Ela tornou-se a líder de todas as gerações de historiadores piauienses após seu retorno à UFPI, em 1985. Mesmo que ela não admita e, talvez, sequer tenha cogitado esse auspício, certamente sob sua liderança intelectual, o número de historiadores formados desde então só cresceu em qualidade e quantidade. Eles estão espalhados em várias instituições de ensino, desde o ensino fundamental ao superior: UFPI, UESPI etc. Estas e tantas outras universidades

Brasil afora, possuem quadros formados sob a batuta de Teresinha Queiróz, nossa Tetê. Todos nós assistimos assim ao aumento de sua influência como pessoa, amiga e como profissional.

Como Clio, a musa da História e da criatividade, ela proclama e eterniza o conhecimento abrangente no âmbito da nossa *história*. Com ela, todos os campos descobertos e criados pelo *conhecimento* humano ganham destaque, os grandes e os pequenos feitos ganham forma, são celebrados e tornam-se conhecidos. Abriu-se uma nova fase para a preservação da memória e o registro de nossa história. Ela, como Clio, foi fundamental para a disseminação do fazer e o aprender teórico-metodológico para mim e para milhares de outros ávidos ouvintes de suas aulas, palestras, conversas e ensinamentos.

No panteão dos historiadores - leigos, “modernos” ou profissionais - como Atena, Teresinha surge como a principal intérprete de nossa realidade social e cultural, e personifica a sabedoria, a inteligência prática e a razão na condução de sua extensa obra historiográfica. Com ela aprendemos a usar os vários sistemas de conhecimento para dar forma e sentido e transmitir informações necessárias para a interpretação precisa e crítica de nosso panorama histórico, político, econômico etc. Ela é certamente a fundadora da nova história do Piauí, enfim, da nova forma de estudarmos e conhecermos as ciências sociais do Piauí. Seu legado estará sempre presente no momento de pensarmos a história, a sociedade, a cultura e a economia de nosso estado.

Evoé Teresinha!